

As colonias portuguezas da Occania; o que eu percebi, ouvindo-os falar, foram uns sons mais ou menos ligeiramente aspirados á sêmelhança do antigo H francês.

Para indicar o som que deve ser aspirado, antepus á respectiva vogal um H, e para quando deve repetir-se o som da mesma vogal empreguei o accento agudo sobre aquella que deva ser mui ligeiramente aspirada.

Algumas palavras escrevi com H e sem elle, porque os indigenas de alguns pontos as pronunciam aspirando-as mais ou menos ligeiramente, ao passo que outros as dizem muito naturalmente, o que seria mui difficil, senão impossivel discriminar.

Em consequencia das judiciosas observações que me fez o distincto philologo o Ex.^{mo} Sr. Gonçalves Vianna, resolvi empregar o K no principio, meio e fim das palavras, onde esse som deva substituir os caracteres C e Q, os quaes supprimi. Assim *kuda* «cavallo ou plantar», *kmédok* «amarello».

Muitos indigenas teem o habito inveterado de acrescentar um K no fim de varias palavras, sem que com isso queiram modificar a ideia ou a significação; e d'ahi veem os termos, por exemplo: *hirak* «quanto», *ruak* «dois», etc., os quaes não differem nada na significação de *hira*, *rua*, etc., forma geralmente mais usada.

Nunca ouvi termo ou expressão alguma para designar o substantivo «côr»; os indigenas designam as côres, pelas suas proprias denominações, como: *natak* «verde» ou «a côr verde».

Dispostos todos os meus apontamentos em ordem alphabetica, deduzi d'esse agrupamento algumas regras para a escrita, e outras mui resumidas para a composição.

*
*
*

Concluido isto, comecei de fazer um estudo comparativo das minhas notas com o *Diccionario portuguez-tétum*, do Sr. Padre Sebastião, e encontrei uma immensidade de palavras portuguezas introduzidas no mesmo: mais de mil alem das que já existiam em 1873, outras palavras mais que eu nunca ouvi em Timor, e que alguém, que conhece praticamente alguns dialectos da ilha, me disse pertencerem ao *galoli*, e ainda outras que parece terem apenas uso em Liquiçá, povoação na costa do Norte, capital do reino do mesmo nome, onde estive de passagem somente algumas horas quando recolhi gravemente doente de Batugadé.

D'essas innumeradas palavras portuguezas fiz uma lista em separado, escrevendo-as com a mesma orthographia que tinham, e introduzi no meu trabalho aquellas que já tinha escrito desde 1871, e que

me parece estarem radicadas no modo de falar dos indigenas; das outras só menção algumas que julgo não prejudicam a harmonia e a indole da lingua.

A respeito do som G, encontrei no dito *Diccionario* a palavra *dargon* como significado de «chaleira» (vid. pag. 104), mas esta palavra somente é usada em Dilly e logares circumvizinhos, e assim mesmo com algumas variantes, como *gargó*, *gargú*, pois esse termo provém de *gargú*, introduzido pelas pessoas de Macau e pelos chinas. Igualmente encontrei as palavras *buang*, *suang*, «bruxa», «bruxaria» (vid. pag. 81), as quaes tambem só teem uso em Dilly, na forma *suangue*, que lhe dão os europeus, e no interior ouve-se dizer aos indigenas *buank* ou *suank*.

Com relação ao som J, encontrei as palavras *jambata* «ponte» (vid. pag. 339); *jambua* «toranja» (vid. pag. 409); quasi de exclusivo uso dos europeus e indigenas de Dilly, e que, sendo palavras malaias, ao serem introduzidas no *teto* ficaram *tambata*, *tambua*, como dizem os indigenas por toda a parte fora da capital e suburbios. Tambem encontrei a palavra *cojabas* «goiaba» (vid. pag. 241), a qual me parece uma invenção infeliz, pois que substituindo o G por C, como é naturalissimo, substitue tambem o I por J, o que é absolutamente contrario á indole da linguagem dos indigenas, que em geral mostram difficuldade em pronunciar o J, como se vê da palavra *dindun* «jejum» (vid. pag. 266).

Referente á letra P, encontrei as palavras *ampá* na phrase que quer dizer «alvorada» (vid. pag. 27); *lapis* para significar «camada» (vid. pag. 89); *dapô* como significação de «cozinha» (vid. pag. 131); *padan* significando «suspeitar» (vid. pag. 399); *pahén* com a significação de «velho» (vid. pag. 421); *piscen* devendo designar «vagaroso» (vid. pag. 418); e mais algumas, mui poucas.

Ora a primeira, que é palavra malaia e significa «quatro», pois a phrase se refere ás quatro horas da manhã, parece-me prescindivel por haver em *teto*: *dadél* «manhã» e *rai-nakée* «amanhecer»; a segunda ouvi-a sempre pronunciar pelos indigenas *labis*; a terceira é tambem palavra malaia e é usada geralmente como *dabur* (vid. pag. 131); a quarta, que é ainda palavra malaia igualmente á primeira e terceira, significa «planura», sendo ao mesmo tempo o nome de uma povoação de Java, tem para a substituir *tean*; a quinta é palavra china desfigurada, que neste idioma tem a mesma significação de «velho», havendo em *teto* para a substituir a palavra *kbaen*, ou a mais communmente usada *katias*; e a sexta, da qual desconheço por completo a origem, é perfeitamente substituivel por *bakuko* ou *démite*.

Sobre a letra V encontrei no *Diccionario* unicamente a palavra *varic*, significando tratamento das crianças filhas de reis ou de principaes (vid. pag. 412), a qual eu ouvi aos indigenas pronunciar *uáric*, em consequencia da difficuldade de pronuncia, o que tambem é confirmado com a introdução da palavra «fivela» que ficou modificada em *fielas* (vid. pag. 227).

Ainda do meu estudo comparativo me resultou grande collecção de phrases e circumloquios, alguns dos quaes arranjados para exprimir ideias que eram completamente ignoradas dos indigenas, e das quaes apresento uma lista em separado, usando a orthographia do proprio dicionario, a qual servirá para estudo dos que se dedicarem ao aperfeiçoamento da lingua *teto*.

Deixei de mencionar muitas phrases e circumloquios em que entram varias palavras portuguezas, das que já constam da outra lista, porque me pareceram pouco aproveitaveis para estudo, e mesmo porque sou contrario á introdução de palavras estranhas na linguagem dos indigenas.

O expediente de formar circumloquios, quando se siga com criterio, parece-me accetavel, mas, no dicionario de que trato, existem alguns cuja formação não está a meu ver muito cuidada, como, por exemplo, *cúac iha oda mátan hóuci nêe bé búca tána*, para significar «gateira» (vid. pag. 238); ora a traducção literal das palavras que o compõem é: «Buraco para escada olhar passar onde gato acolher-se», e a livre é: «Buraco que olha para a escada onde passa o gato a acolher-se», parecendo-me muito mais simples e talvez mesmo mais correcto dizer: *kuak bússa* «buraco do gato» ou «gateira», o que todos os indigenas entenderiam perfeitamente¹.

Mas embora alguns dos circumloquios sejam muito longos, isto é, compostos de palavras em demasia para designar a ideia, assim mesmo acho isso melhor para o estudo e aperfeiçoamento da lingua, do que o systema de introduzir palavras portuguezas puras ou estropeadas.

Essa introdução tem-se feito sempre devido aos empregados que vão em serviço ao interior da ilha, e que á falta de outro expediente as vão usando no seu trato com os naturaes, é principalmente aos missionarios que as introduzem não só no seu trato, mas ainda nas suas praticas e sermões feitos na lingua do país, mesmo antes de a saberem bem, com o que provam a sua dedicação pela missão religiosa, sem lhes importar com a pureza da linguagem.

O que principalmente me leva a esta convicção, é o seguinte. Os indigenas no seu actual estado de civilização não teem ainda formula alguma de cumprimentar, ou mandar cumprimentar qualquer pessoa; o unico modo que teem de manifestar o seu respeito por alguém, á maneira de cumprimento, reduz-se a tirar o lenço, se o teem, em redor do cabello, collocar a mão esquerda de palma entre o pescoço e a

¹ Alguem nos diz que a expressão *kuak bússa* «buraco do gato», poderá ter uma significação burlesca; observação sem peso, visto que para tal significação já existe a palavra *kiden*, e não é porque uma expressão possa ter significações mais ou menos engraçadas que ella deve ser riscada de um dicionario.

nuca e um pouco de lado, estender a direita para a frente, curvar um pouco o corpo, e dizer: *Nai* «senhor»; ultimamente já alguns indigenas dizem aos missionarios *bença Nai*. Em consequencia d'isto houve quem formasse a já celebre phrase «*fô recado, fô bom dia, fô boa noite*, etc.», certamente inventada por portuguez, europeu ou macaista, para enviar algum eruido a casa de alguém; tal invenção porem era desnecessaria, visto que existem em *teto* as palavras *diak* «hom», *loron* «dia», *kalan* «noite», com as quaes se podia fazer a mesma phrase, unicamente de palavras indigenas, sem precisar introduzir aquella verdadeira manta de retalhos, que tem feito quebrar a cabeça aos estudiosos que de países longinquos se dedicam ao estudo circumpecto das linguas crioulas.

Se a introdução se fizesse de palavra ou phrase completa e com a sua propria significação, ainda poderíamos esperar que com o andar dos tempos os indigenas chegassem insensivelmente a falar portuguez; mas qual! Precisa-se, por exemplo, de termo para indicar o cumprimento do dever, ou da obediencia, etc.; como não se conhece bem a lingua, emprega-se a palavra «obedece» tempo de verbo, introduzindo-o com variadas significações, o que, longe de ser um serviço prestado, estabelece a confusão.

Ora tanto em relação á linguagem, como em relação a outros assuntos, a humanidade tem sempre a ganhar com a simplificação, para que tudo possa chegar ao conhecimento de todos.

Com respeito ás regras grammaticas que precedem o *Dicionario portuguez-tétum*, do Sr. Padre Sebastião, se bem que me não julgo á altura de as poder bem apreciar, devo dizer que, em parte, me parecem demasiado transcendentas para uma lingua que em relação á escrita se pode bem dizer incipiente, sem que com isto lhe queira fazer a critica, pois julgo todo o trabalho de muitissimo merecimento, e bastante util para quem se dedicar ao estudo da lingua *teto* que se fala em Timór.

Ainda devo dizer que desde 1871, em que comencei o meu trabalho de coordenação, ouvi dar sempre, e tambem dei, o nome de *teto* á lingua de que trato, e que eu estudava, e por isso, ainda que me mereça muitissima consideração o digno autor do mencionado dicionario que lhe chama *tétum*, eu continuarei a denominá-la como de principio, visto não ter encontrado fundamento para a emenda.

Eis o que se me offerece dizer sobre a lingua *teto*, e a narração dos trabalhos que fiz desde 1871, para chegar só agora a apresentar este resultado.

Sendo, como é, incompetente o obreiro, é claro que não pode a obra ser perfeita; mas convengo-me de que, se os empregados intelli-

gentes e de saber que vão a Timór, e os missionários instruídos e dedicados que lá vivem em íntimas e constantes relações com os indígenas, se quiserem dar ao incommodo da apreciação, estudo e comparação entre este trabalho, o do Sr. Padre Sebastião e quaisquer outros, pode certamente resultar obra mais perfeita, de maior utilidade, e que venha a concorrer para que desapareça a grandíssima variedade de linguagens ou dialectos.

O que principalmente peço a todos, é que prestem a máxima atenção á pronuncia das palavras mais ou menos ligeiramente aspiradas, a fim de depois se lhes acrescentar ou supprimir o H, conforme as observações.

Sendo pois destinado este livro aos empregados e missionários de Timor, é d'elles que desejo e espero obter maior indulgencia, porquanto com a dos philologos, meus compatriotas, conto eu, convencido de que me relevarão os defeitos por attenção para com o aturado trabalho que tive, a tenacidade com que o levei a cabo, e principalmente o intuito desinteressado que me moveu a tentá-lo.

Finalmente apraz-me consignar aqui o meu mais sincero e cordial agradecimento ao Ex.^{mo} Sr. Gonçalves Vianna, que com a sua muita proficiencia e vastos conhecimentos theóricos das linguas orientaes, me aconselhou algumas modificações no meu trabalho, que certamente lhe darão o valor philologico que elle não tinha.

Lisboa, 18 de janeiro de 1906.

RAPHAEL DAS DORES.

OBSERVAÇÕES GRAMMATICAS

A lingua *teto*, que se fala quasi geralmente na colonia portuguesa de Timor, é a meu ver pertencente á mesma familia a que pertence a lingua malaia que se fala nos archipelagos oceánicos, o que deduzi de ter encontrado muitas palavras que são communs a ambas essas linguas, e de terem as mesmas regras de construcção.

I. — Phonologia

Ha em *teto* as consoantes B, D, F, H, K, L, M, N, R, S, (SS) T.

Ha as vogaes { Oraes, A, Á, E, Ê, I, O, Ó, U.
Nasaes — an, en, in, on, un.

Não ha ditongos.

Logo os caracteres romanos de que precisei servir-me são: A, B, D, E, F, H, I, K, L, M, N, O, R, S, T, U.

A pronuncia do *teto* é suave como a do malaio, e comquanto não me pareça tão harmoniosa, ainda assim encontrei-lhe varios pontos de contacto, taes como:

Accento predominante na penultima syllaba.

Terminação frequente em vogal atona.

Ausencia dos sons brandos J e Z.

Grande maioria das palavras de *teto* são, exactamente como no malaio, dissyllabicas, formando-se com ellas palavras compostas.

Os sinais orthographicos que me foram indispensaveis á escrita, são: o traço de união para separar algumas palavras compostas, o accento agudo para marcar as vogaes abertas e as ligeiramente aspiradas, quando repetidas, e o circumflexo para accentuar as fechadas.

O accento nos vocabulos do *teto* recae na penultima syllaba em geral.

Elimina-se o accento graphico, nos vocabulos terminados em vogal seguida, ou não, de s, e marca-se nos terminados em consoante: ex.: *ida* «um»; *túdik* «faca».

Marcam-se graphicamente todas as excepções á regra geral bem como as vogaes á, ê e õ quando fechadas.

Quanto á pontuação, só poderá ser usada quando alguém escrever qualquer texto em tal lingua.

II. — Morphologia

Nome

Em *teto*, como em malaio, o nome não tem genero, nem numero. Conhece-se o genero em relação aos racionais, pospondo-lhe as palavras *mâne* «homem», *feto* «mulher»; ex.: *andrin fetu* «mestra», *andrin mâne* «mestre»; *ata fetu* «escrava», *ata mâne* «escravo»; mas quasi geralmente é supprimido o *mâne* para indicar o masculino, entendendo-se quando usada apenas a palavra *ata* como «escravo» ou mais usualmente como «criado», juntando-lhe *fetu* para indicar a criada.

Em relação aos irracionais, pospondo-lhe as palavras *iman* «pae»; *iman* «mãe»; ex.: *rusa iman* «veado», *rusa iman* «corça»; mas usando unicamente o termo *rusa*, todo o indigena comprehende que se trata do veado macho, e não fêmea¹.

O plural forma-se como na lingua malaia, repetindo a palavra; ex.: *fetu* «mulher», *fetu-fetu* «mulheres»; algumas vezes repetindo apenas a primeira syllaba; ex.: *fúan* «coração», *fufúan* «corações»; e ainda juntando-lhe o pronome *sira* «elles, ellas»; ex.: *mâne* «homem», *mâne sira* «homens». Esta regra, porém, tem algumas excepções, pois em varios pontos da ilha os indigenas formam o plural a alguns nomes; como, por ex.: *kakae* «caca-tua», *kakaen* «caca-tuas», *ria* «primo», *rian* «primos», *ulán* «principal», *ulár* «principaes».

Em grande numero de palavras não existe differença alguma entre verbo, substantivo, adjectivo, etc.; ex.: *bóssok* — que como adjectivo significa «fraudulento», como substantivo «fraude» ou «mentira», como verbo «fraudar, defraudar ou mentir».

Os indigenas formam alguns adjectivos pospondo ao substantivo o pronome pessoal *nia*; ex.: *abuto* «raiz», *abuto nia* «radical»; outros pospondo-lhe a particula *ten*; ex.: *bárok* «preguiça», *bárok ten* «preguiçosos».

Os adjectivos numeracs em *teto* são:

ida «um».
rua «dois».
tôlo «tres».
hate «quatro».
lima «cinco».
néen «seis».
hito «sete».
ualo «oito».
sia «nove».

¹ Na lingua malaia o genero indica-se pela mesma forma com as palavras *laki-laki* «masculino», *prampuan* «feminino», para os racionais, e *diántan* «masculino», *betina* «feminino», para os irracionais.

saulo «dez».

saulo rêssin ida «onze».

» » *rua* «doze».

» » *tôlo* «treze».

» » *hate* «quatorze».

» » *lima* «quinze».

» » *néen* «dezaseis».

» » *hito* «dezasete».

» » *ualo* «dezoito».

» » *sia* «dezanove».

rua nulo «vinte».

rua nulo rêssin ida «vinte e um».

tôlo nulo «trinta».

tôlo nulo rêssin ida «trinta e um».

hate nulo «quarenta».

atos ida «cem».

atos ida rêssin ida «cento e um».

atos rua «duzentos».

atos rua rêssin ida «duzentos e um».

atos sia saulo rêssin ida «novecentos e onze».

atos sia rua nulo rêssin ida «novecentos e vinte e um».

atos sia sia nulo rêssin sia «novecentos e noventa e nove».

rílum «mil».

O augmentativo forma-se pospondo ao primitivo a palavra *bote* «grande»; ex.: *mâne* «homem», *mâne bote* «homemzarrão».

O diminutivo forma-se pospondo ao primitivo a palavra *kik* «pequeno»; ex.: *fetu* «mulher», *fetu kik* «mulherzinha»; e algumas vezes a palavra *ban* «filho»; ex.: *mâne* «homem», *mâne ban* «homemzinho»¹.

O comparativo forma-se pospondo ao positivo a palavra *liu* «mais»; ex.: *naruko liu* «mais comprido».

O superlativo forma-se do mesmo modo, mas differença-se do comparativo, em que este exige depois da palavra *liu* o termo de comparação, o que o superlativo não admite; ex.: *neé naruko liu neé bá* «isto é mais comprido do que aquillo», comparativo; *neé naruko liu* «isto é compridissimo», superlativo².

Pronome

Em *teto*, como em malaio, ha pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos, determinativos, relativos e reciprocos.

¹ Na lingua malaia forma-se o augmentativo acrescentando a palavra *tingui* «grande», e o diminutivo acrescentando a palavra *panda* «pequeno».

² Na lingua malaia forma-se o comparativo pospondo ao positivo as palavras *léhi* ou *déri*, e o superlativo pospondo-se a palavra *ter*.